

EM MEMÓRIA DE ANATÓL ROSENFELD (1912-1973)

Sabia que ele estava doente, sabia que estava gravemente doente. As meias palavras dos amigos mais íntimos, contagiados por seu impenetrável pudor, deixavam mesmo entrever um desfecho que se afigurava inevitável a longo ou a curto prazo. Assim mesmo, quando a morte chegou, foi com a sua habitual brutalidade, pegando-nos de surpresa como sempre, apesar da reiterada obstinação com que começa a cair a nossa redor a partir de uma certa idade, causando aquela estranha e familiar sensação de espanto, aquele doloroso sentimento de perplexidade, como se a enfrentássemos pela primeira vez. E a morte de uma pessoa querida que leva Calígula, no drama de Camus, a sentir, de forma concreta e não abstrata, através da carne e não da inteligência, a fundamental irracionalidade do universo.

Anatol Rosenfeld, enquanto escritor, deu-se sempre com a maior generosidade. Mas, como homem, fez questão de permanecer na penumbra. O que se conhecia sobre o seu passado era pouco, filtrado pelas confidências de um ou outro amigo, formando à sua volta uma discreta legenda, tão reservada quanto ele mesmo. Não que não contivesse a sua cota de sofrimento, o seu quinhão de tragédia e de silencioso heroísmo. Não é difícil imaginar, por exemplo, o que teria significado, para um intelectual judeu, completar 20 anos na Alemanha de 1932. A subida do nazismo ao poder cortaria repentinamente toda uma perspectiva de vida, obrigando-o a deixar para trás parentes, amigos, a carreira universitária iniciada no campo da filosofia e das letras.

A chegada ao Brasil, em meados da década de 30, marcou o início de um ciclo forçosamente diverso. Ele trabalhou a terra com as próprias mãos, como qualquer imigrante (precisávamos, segundo as autoridades, mais de braços para a lavoura que de cérebros), visitou cidadezinhas pobres do nosso interior vendendo gravatas, prosperou, teve possibilidade talvez de enriquecer. Percorrida metade da parábola usual do imigrante, a metade mais penosa, quando começava a curva ascensional, abandonou-a para voltar às origens. Retornou aos livros, aos artigos, às aulas particulares, ao trabalho jornalístico, fazendo-se uma espécie de intermediário entre a cultura alemã, que

conhecia tão bem, e a brasileira, que começava a amar. E nunca quiz ser mais do que isso. Convidado com insistência para cargos estáveis, para ocupar posições fixas nos quadros universitários, que lhe assentavam melhor do que a ninguém, recusou sempre. Nunca se negava a escrever um artigo para uma revista de jovens, a fazer conferências bem ou mal remuneradas, a trabalhar em casa com pequenas turmas de alunos que logo se transformavam em amigos, a dar cursos esporádicos em escolas oficiais. Mas desejava-se integralmente livre, desonerado de qualquer obrigação burocrática, com o espírito e o tempo disponíveis para cultivar a exigente arte da amizade (inclusive as femininas), para entregar-se sem remorsos aos três prazeres, aos três "vícios impunes" da vida intelectual — ler, conversar, escrever.

A irradiação de sua influência, fora do âmbito da língua alemã, começou em 1956, com o Suplemento Literário de O Estado de São Paulo, de que foi o primeiro titular da seção de Letras Germânicas. Foi nessa ocasião que pude acompanhar passo a passo o seu duro combate contra a língua portuguesa. Lutar com palavras, advertiu o poeta perito em domestica-las, é luta inglória, que se inicia na lucidez da luz solar e se prolonga nas alamedas do sonho. Imagine-se então lutar com palavras que nem sequer são as que recebemos na infância e na adolescência, adaptar-se, depois de adulto, a uma sintaxe, a uma estrutura linguística, totalmente diversa. Os seus primeiros artigos, pensados ainda em alemão, eram quase insusceptíveis de correção. "Em breve — prometeu com o seu ar modesto, o seu sorriso cortês — melhorarão". Melhoraram tanto, e tão rapidamente, que não tardou muito para que ele se tornasse um escritor brasileiro, alguém capaz não só de alcançar a indispensável fluência e correção, mas de ir além, imprimindo ao estilo um toque pessoal, não raro surpreendentemente nosso, mediante a incorporação de modismos da fala nacional, da gíria literária e artística do momento. Às vezes fazia até brotar do jogo de palavras, em português, um humor subtil, tanto mais eficaz por ser quase subreptício, não mais do que uma leve insinuação irônica.

Comedido nos gestos e nas palavras, um pouco distante pela cerimônia tipicamente européia com que tratava as pessoas, as suas paixões intelectuais foram muitas, cobrindo desde a metafísica até o teatro, desde a estética até o romance e a poesia de vanguarda. Não é ainda o momento para avaliar em profundidade o seu influxo sobre a cultura paulista, certamente enorme, porque a ela se integrou como se aqui tivesse nascido. Mas talvez o traço distintivo de sua obra crítica esteja nessa capacidade de entrecruzar várias áreas do

saber, iluminando umas através das outras. Sendo especialista no sentido rigoroso da palavra em mais de um setor, podia encarar com igual propriedade o poeta enquanto filósofo e o filósofo enquanto poeta, a língua como meio de comunicação lógica ou como via de revelação mística ou de disfarce psicológico. Ia do embasamento teórico à obra de arte viva, recuava ao passado ou debruçava-se sobre a escola literária ainda em gestação, sempre com a mesma curiosidade, a mesma penetração analítica. Procurava inclusive compreender determinadas tendências da vida e da arte moderna que não diríamos afins ao seu temperamento: a violência, a agressividade. Somente nos últimos tempos parecia demonstrar em relação à crescente onda de irracionalismo uma certa irritação, dificilmente contida, talvez porque a molestia já tivesse começado às escondidas o seu trabalho de sapa, minando-lhe o equilíbrio, ou talvez porque essa sistemática negação da inteligência revivesse dolorosamente para ele alguns aspectos da experiência alemã prénazista.

A sua morte assemelhou-se à sua vida: corajosa sem alarde, heróica apenas na medida em que escondeu até o fim a doença e o sofrimento, por pudor, desinteresse pelas circunstâncias pessoais. Nada vale a não ser o pensamento, a arte, as idéias, parecia insinuar. Mas a imagem que nos legou prova sem o querer o contrário: o valor insubstituível do indivíduo. Se é verdade que o homem é a medida de todas as coisas, só o sabemos pelo testemunho de homens como Anatol Rosenfeld, que dão a essa frágil medida humana a sua inteira plenitude, moral e intelectual.

Décio de Almeida Prado